

## “LA BÚSQUEDA”: HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA NOS RELATOS DE UM SOBREVIVENTE DA DITADURA ARGENTINA

## “LA BÚSQUEDA”: HISTORIA, MEMORIA Y LITERATURA EN LOS RELATOS DE UN SOBREVIVIENTE DE LA DICTADURA ARGENTINA.

Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior<sup>1</sup>  
Rubenil da Silva Oliveira<sup>2</sup>  
Carlos Henrique Lopes de Almeida<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar a obra de Miguel Robles *La Búsqueda*, que nos mostra a reconstrução da morte de seu pai, José Elio Robles, durante a ditadura militar argentina, fato este desconstruído a partir dos relatos de um sobrevivente que se encontrava exilado na Inglaterra, conhecido por Charlie Moore. Toda narrativa testemunhal de Charlie encorpa as investigações do autor e nos leva à percepção de que as versões oficiais no estado de exceção podem ser reformuladas e apresentadas de forma a reestruturar a história em sua oficialidade. Através da Obra de Robles apresentar-se-á a relação de história e memória atrelada à memória traumática, conceitos esses capazes de apresentar versões que se contrapõem às apresentadas como oficiais.

**Palavra-chave:** Literatura; História; Memória; ditadura argentina.

**RESUMEN:** El presente artículo tiene como objetivo presentar la obra de Miguel Robles *La búsqueda*, que muéstranos la reconstrucción de la muerte de su padre, José Elio Robles, durante la dictadura militar argentina, este hecho empieza a deconstruirse a partir de los relatos de un sobreviviente que estaba exilado en Inglaterra, conocido por Charlie Moore. Toda la narrativa testimonial de Charlie da fuerza a las investigaciones del autor y llévanos a la percepción de que las versiones oficiales en el estado de excepción pueden ser reformulados y presentadas para recontar la historia oficial. A través de la obra de Robles se presentará la relación de historia y memoria en relación con la memoria traumática, conceptos que son capaces de presentar versiones que se contraponen a las presentadas como oficiales.

**Palabra-Clave:** Literatura; Historia; Memoria; Dictadura argentina.

Nas décadas de 60 e 70, a Argentina passou por grandes transformações políticas e sociais. No período denominado de revolução Argentina aparecem movimentos políticos e organizações armadas que pedem por mudanças. Entre os mais importantes grupos estão o ERP (Ejército Revolucionário del Pueblo) e os Montoneros, formados com a intenção de enfrentar um governo ditatorial.

O golpe de 1976 não é simplesmente um elo a mais na cadeia de intervenções militares que se iniciou em 1930. A crise inédita que o emoldurou deu lugar a um regime messiânico inédito, que pretendeu produzir mudanças irreversíveis na economia, no

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa PPGL em estudos Literários. Pesquisa Relações de Gênero nas ditaduras militares na América Latina. Professor efetivo da Universidade Federal do Pará (UFPA) E-mail: birajr\_78@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutorando em Letras - Estudos Literários (UFPA). Pesquisa Relações de Gênero na Literatura Afro-brasileira, sobretudo, homoafetividade, feminino e sexualidades, além de pesquisar sobre tecnologias educacionais no ensino de línguas e literaturas, leitura, análise do discurso e formação do léxico português brasileiro. E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor adjunto II, da Universidade Federal do Pará, atuando na área de Língua e Literatura de Língua espanhola; Ensino de Literatura, Língua espanhola instrumental, literatura da América Latina; Literatura e História; Nueva Novela Histórica; Literatura Contemporânea; Literatura do descobrimento.

sistema institucional, na educação, na cultura e na estrutura social, partidária e sindical, atuando em face de uma sociedade que diferentemente de episódios anteriores, se apresentou enfraquecida e desarticulada, quando não dócil e cooperativa, frente ao fervor castrense. Visto à distância, o golpe inaugurou um tempo que, mais do que tudo por sua enorme força destrutiva, e apesar do fracasso de boa parte das “tarefas programáticas” que o regime se auto-atribuiu, transformaria pela raiz a sociedade o Estado e a política na Argentina (NOVARO; PALERMO, 2007, p. 26).

Em 1976, os militares assumem o poder dando início a uma das mais cruéis ditaduras da América Latina, onde vários testemunhos apontam para uma série de torturas e desaparecimentos dos militantes contrários ao governo. Os grupos que se opunham às decisões impostas pelo governo militar se organizavam em várias cidades e eram formados por homens e mulheres de diversas idades, influenciados principalmente pelas ideias libertadoras de Ernesto Guevara, o que causava desconforto aos militares que ocupavam as posições administrativas do Estado.

A principal escusa para a prática de vários atos de tortura era justamente a limpeza social dos “comunistas”, posto que o mundo na década de 70 vivia amedrontado com a propaganda negativa construída sobre o comunismo e o socialismo. Os discursos bem construídos de ordem social conferidos pelos militares davam aval aos atos desumanos praticados durante o regime militar, fazendo com que a sociedade argentina aceitasse ou pouco se importasse com tais atitudes, “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” (DIDI – HUBERMANN, G. 1998, p. 29). Os vários centros clandestinos de detenção e tortura eram de pouca importância para a maioria dos argentinos e, somente ao final do período ditatorial, esses atos vieram à tona e se conheceu a existência de diversos centros de detenção clandestinos onde eram aplicados atos de tortura e, segundo testemunhos, pelas mortes de vários argentinos.

O texto a seguir é uma análise da obra *La Búsqueda* do autor argentino Miguel Robles que teve seu pai assassinado supostamente por “Montoneros” na cidade de Córdoba. O autor viria a descobrir após alguns anos uma incongruência nos fatos que lhe levava a uma investigação mais precisa onde emergiram provas discordantes dos relatos oficiais. É a partir da obra de Miguel que tentar-se-á concatenar conceitos de história, literatura e memória, como forma de explicar que esses conceitos estão presentes na construção histórico social de um grupo social, mas que não se pode aceitá-los como intocáveis, sem que haja questionamentos que nos leve a outras interpretações ou busca das verdades escondidas pelo poder governante.

Para poder fazer uma análise deste processo far-se-á necessário um alinhamento sobre alguns conceitos importantes para que a história argentina, marcada por controvérsias, possa ser apresentada. O primeiro e o mais rígido dentre eles é o que se apresenta como história, haja vista que essa palavra carrega consigo o valor de veracidade dos fatos, colocados nos meios acadêmicos iniciais como fatos íntegros que se mostram responsáveis em apresentar a história dos diversos setores sociais, pois se afirma que:

[...] história entrou no sistema das ciências, já concebidas não como um saber enciclopédico acumulado e coerente organizado (concepção retórica), mas sim como um saber adquirido por meio do exame crítico da documentação ou da busca de “leis” do mundo humano (concepção científica da história) [...] (MIGNOLO, 2001, p. 116)

Este pensamento citado por Mignolo fez com que a disciplina História seja vista como documento fundamentador dos núcleos sociais. Para Le Goff (1990) a história se apresenta como a ciência capaz de apresentar um fato e tentar ensablá-lo na história humana, pois para este autor “uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula” (LE GOFF, 1990, p. 18). Seguindo por esse viés podemos tecer um caminho histórico menos enrijecido, dando-nos possibilidades de interpretar as diversas construções históricas com novas perspectivas, já que nas sociedades modernas se admite o pensamento histórico de forma mais fragmentada, não somente uma história se não diversas histórias em vários segmentos que juntos formam um mosaico mais complexo chamado de história de humanidade, esta forma de conceber a construção humana foi intitulado por Le Goff como a “Nova História”. Segundo este pensamento Peter Burke (1991) descreve as diversas possibilidades de que esta nova visão traz, por este pensamento os fatos são formados por diversos grupos sociais, e por estes também podem ser confrontados, e acima de tudo se apresenta como reação ao paradigma tradicional,

Poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltecê-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência – como muita frequência – considerado a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado. (BURKE, 1991, p. 10)

Estas diversas abordagens citadas por Burke, que deveriam ser consideradas, se apresentam na obra aqui analisada, pois foi pela inquietação do autor em repelir os fatos historicamente narrados como verossímeis, que o fez buscar uma nova versão do ocorrido, relatado em sua obra.

Como segundo conceito necessário para fundamentar a obra de Robles exposta neste texto, está o de memória, e que se apresenta de forma imprescindível na construção desta história, pois foi a partir do resgate das memórias de Charlie Moore que o autor pôde reconstruir o evento que culminou na morte de seu pai, como vemos a seguir.

Hablé con antiguos compañeros y conocidos de mi padre, con testigos del asesinato y con infinidad de personas que habían estado vinculadas, de uno u otro modo, a lo que había sucedido en aquellos años en el país y particularmente en Córdoba, buscando comprender los procesos políticos y, de ese modo, el sentido de la muerte de mi padre. (ROBLES, 2016, p. 9)

Em sua busca em tentar reconstruir os fatos o autor teve acesso a Charlie que nesta ocasião vivia como refugiado político na Inglaterra, e após diversas tentativa se dispôs a relatar o que

realmente havia ocorrido. Pode-se dizer que a reconstrução ou constatação da veracidade só ocorreu através das memórias dos sobreviventes e envolvidos nos fatos que culminaram com a morte do pai de Miguel. O resgate das memórias e a confrontação desses dados levaram a uma reescrita da história oficial, Maurice Halbwachs nos coloca a importância do testemunho para poder compor, como prova capaz de desconstruir o que se havia oficializado, uma história até então escondida.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios (HALBWACHS, 1990, p. 25)

O resgate das memórias e a confrontação desses dados se referem ao que o autor supracitado nomeou como coletiva, e neste caso se mostrou capaz de desvendar um fato encoberto pela política da ditadura argentina, para Halbwachs as memórias individuais e coletivas são responsáveis pelas diversas interpretações dos fatos presentes nas comunidades sociais, sejam de grande representatividade ou mesmo nos grupos familiares, cada indivíduo consegue guardar sua versão dos fatos que se inter cruzam com outras versões e os pontos que se inter cruzam nessas versões podem compor o relato próximo ao real, por isso a memória individual se apresenta como passo inicial para a contestação do que foi consolidado como oficial. Sobre a relação entre memória coletiva e individual Halbwachs assevera que,

Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Na obra de Miguel especificamente as conversas, o resgate das memórias o levaram à mais importante testemunha da morte de seu pai, as memórias adormecidas, quiçá por medo, trilharam um caminho que o levariam a Charlie Moore, principal testemunha da morte de seu progenitor e que o levaria a expor a verdadeira versão dos fatos. Charlie havia sido preso pelo departamento de polícia da província de Córdoba – Argentina (conhecida por D2 ou Gestapo Cordobesa) e por seis anos foi submetido a torturas morais e físicas, foi retirado de seu convívio social e posto em prisão por vários anos, ali pode escutar diversas conversas enquanto era torturado, e em várias o tema da morte de José Hélio Robles era mencionado, e após longos anos na prisão Charlie pôde se aproximar de alguns policiais que o guardavam e através dessas conversas confirmou que José havia sido morto por ordem da própria polícia.

Os relatos Charlie Moore são sobre as diversas torturas sofridas enquanto estava preso, momentos traumáticos olvidados por ele que precisaram ser resgatado, a frágil tentativa de tentar esquecer o trauma nos faz pensar que podemos dominar a memória, e na obra, essa necessidade humana de apagar as dores se faz presente em vários momentos que Miguel tenta entrevistar a Charlie e este se mostra resistente em buscar as lembranças das torturas que lhe foram impostas. Em diversos relatos feitos por Charlie consegue-se perceber a crueldade impostas aos que tentavam impor-se contra o poder regulador do estado, como se observa abaixo.

Recuerdo el caso de una chica que se llamaba Débora, que era de Inteligencia del ERP; tanto la humillaron, tanto la torturaron, que finalmente no les dijo absolutamente nada. Y sabía muchísimo; nadie se imaginaba todo lo que esa chica sabía. Ella pudo salir, y meses después creo que volvió a caer. Y esa segunda caída, creo que desapareció. Pero tampoco en esa segunda caída le pudieron sacar algo. Es que la gente no podés maltratarla de manera ilimitada, porque hay límite, porque hay un límite, y si empujás y pasás ese límite, las personas se cierran para siempre. En lugar de quebrarlo, en lugar de romperlo, el prisionero se te cierra para siempre, y no habla nunca más. (Relatos de Charlie Moore In. ROBLES, 2016, p. 194)

Jaime Ginzburg apresenta uma relação bem particular entre a história e a memória, os relatos se apresentam como gatilhos capazes de resgatar o trauma. Não se trata de recordações pessoais, mas de um contexto onde diversas pessoas foram participes e atingidas diretas e indiretamente. A história se mostra capaz de apresentar os fatos onde a memória traumática ressurge, tentar entendê-los quando já há necessidade de esquecê-los, faz com que as mesmas sejam percepções que tentam não se cruzar. Sobre esta relação Ginzburg nos coloca que,

Na medida em que percebemos como a História é violenta, como o autoritarismo nos marca profundamente, como os antagonismos sociais são radicalmente difíceis, como nossa experiência não é passível de fácil entendimento, é acentuada nossa perplexidade. Ficamos perplexos porque a História pesa sobre nós como um trauma, difícil de assimilar, de compreender, e representá-la, considerando sua complexidade, exige uma atitude de renovação, perante as limitações dos recursos de linguagem convencionais. (GINZBURG, 2000, p. 45)

A memória traumática não se apresenta mais como comprovação da existência dos fatos, mas como estes se apresentam ao indivíduo presente neste processo. Segundo Seligmann-Silva (2003) a memória do trauma se apresenta em um movimento de ir e vir entre lembrança e esquecimento concatenando relações com os fatos que foram registrados como sendo oficialmente históricos, para este autor narrar o trauma seria narrar o inenarrável, “nesse contexto, é importante destacar também a complexa relação existente entre os discursos individuais das testemunhas – no registro de memória –, o da memória coletiva que se articula na cena pública, o discurso jurídico e o histórico” (SELIGMAN-SILVA, 2005, p. 71). Essa complexa teia de informações, onde ora é necessário que haja um respaldo dos fatos históricos oficiais e ora se faça uma desconstrução dos relatos registrados como as

memórias dos que sofreram com as torturas, estes últimos conseguem externar uma versão distinta, com olhos que viram por um outro lado as mesmas cenas registradas e expostas.

A obra de Miguel Robles apoia-se, principalmente, nas evidências apresentadas pelas memórias dos envolvidos, mais especificamente de Charlie Moore, para poder expor o que de fato aconteceu na noite da morte de seu pai, no entanto o autor, que tem como ofício ser policial federal, tem como desafio fazer um recorte bastante cético de todos os que lhe são apresentados, e alijando-se de qualquer sentimentalismo que o desvie seu propósito de descobrir qual seria a verdadeira história.

O terceiro ponto nesta tentativa de entender a obra de Miguel Robles é a Literatura, haja vista que toda a investigação do autor culminou em uma obra capaz de registrar uma versão dos fatos que contradiz a oficializada pela polícia e pelos juristas, e na história argentina essas produções literárias foram capazes de reforçar o sentimento de revolta dos envolvidos, haja vista que os mesmos podiam ver-se nas páginas escritas por diversas testemunhas e torturados. Estes relatos levaram a uma grande onda de denúncias culminando no julgamento de vários torturadores, e na mudança de consciência neste país.

A ditadura argentina teve um desfecho bastante distinto da brasileira, diversos casos de tortura foram julgados e os denunciados condenados, e pode-se dizer que parte desta mudança aconteceu pela produção de inúmeras obras que expunham os relatos de vítimas ou familiares das pessoas desaparecidas, que serviu de escudo para os relatos que posteriormente serviriam de denúncias para todos os crimes ocorridos nesse período. Ginzburg aponta para a importância da atenção posta nas produções literárias e coloca ainda que delas podemos retirar fatos que apontam argumentos capazes de demonstrar os lapsos deixados pela história. Segundo este autor,

Para a pesquisa literária, é necessário o desafio de verificar como, nas formas literárias, encontramos lapsos, discontinuidades, contradições, subversões de conversões, rupturas com gêneros tradicionais, questionamentos a respeito da capacidade comunicativa e expressiva da literatura. Devemos redobrar a atenção sobre esses elementos quando interessam não como fim em si mesmos, como experimentos formais, mas quando associados a temas que, direta ou indiretamente, digam respeito ao impacto brutal da violência social. (GINZBURG, 2000, p. 50)

Neste caso, a Literatura apresenta-se como registro que pode conduzir a sociedade para um entendimento diferente ao apresentado oficialmente, o aspecto ficcional coaduna-se com a tentativa de despertar o leitor para outras possibilidades de interpretação, posto que em diversas obras produzidas na América Latina traziam temáticas que levavam facilmente a sociedade a novos questionamentos, são exemplos, “La ciudad y los Perros” do escritor peruano Mario Vargas Llosa, que conta a história da rotina de vários garotos submetidos ao ensino militar e que deixa à mostra as imposições ditadas pelos militares na condução moral do ser humano, “Relatos de um Naufrago” do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, que tem como pano de fundo as cargas contrabandeadas pela marinha Colombiana, esta obra foi censurada e levou o escritor

ao exílio. Além dos escritores supracitados estão também Augusto Roa Basto com a Obra “yo, el supremo”, Ernesto Sábato com “La residencia” e tantos outros que usaram a literatura para denunciar os vários governos militares que se estabeleceram no continente americano.

Felix Vodicka estabelece um conceito de *concretização* ao tratar da literatura e sociedade. Para este autor as obras literárias carecem de avaliações que perpassem pela capacidade humana de interagirem com o meio social de origem, ou seja, as relevâncias sociais se concatenam com a interpretação do que se lê. Para Vodicka o historiador deve considerar esse itinerário percorrido conjuntamente entre público e obra.

A obra literária, depois de publicada ou divulgada, torna-se propriedade do público, que a lê com a sensibilidade artística da época. Na área da Literatura, conhecer esta sensibilidade é a *tarefa primordial* do historiador, para entender a impressão causada pelas obras e sua avaliação em cada período. (VODICKA, 1978, p. 299)

A possibilidade de concepção de uma obra alijada de seu meio social ou desconectada com o público que a lê, faz com que a investigação desse objeto apresente resultados incompletos. A evolução literária move-se paralelamente à evolução social, presenciando assim câmbios comuns de percepção dos sujeitos envolvidos em determinado meio geográfico-social. Por outro lado, este autor enfatiza a importância da obra como produção estética e o valor extra-individual presente em sua concepção. As influências estéticas presentes nas obras rompem os limites geográficos, se deixando influenciar por autores e concepções sociais que amiúde se encontram engendrados em seus textos. A tarefa do historiador é encontrar uma análise que contemple esses conceitos e que a partir dos estudos empreendidos sobre a linha histórica recorrida pela literatura se possa visualizar a sociedade em que autor e obra pertençam. Para Moreira, o trabalho da história da literatura é construir a linha evolutiva da literatura sem deixar de contemplar todos os aspectos importantes de sua trajetória.

Mais comprometidos com a reunião do material erudito ou com suas compilações, essas iniciativas pioneiras careciam dos elementos que configuram atualmente uma história da literatura, quais sejam: o caráter narrativo; uma relação de obras e autores, regidos por uma linha temporal — os eventos sucedem-se no tempo — ou por uma orientação espacial — a organização desses elementos pressupõe a existência de um estado-nação; um signo orientador capaz de engendrar e dar sentido a narrativa. (MOREIRA, 2002, p. 121)

A crítica literária nos faz refletir sobre as diversas influências presentes em cada conjunto de obras, e ao discorrer sobre autores e seu meio literário, deixa lastros historiográficos que são capazes de ilustrar e dar sentido ao conjunto de fatores que compõem o processo complexo de construção da história da literatura.

Na busca de explicar a relação entre obra e leitor, Roman Ingarden nos apresenta o conceito de concretização que, conceitua o trajeto realizado entre os dois elementos. Segundo

Ingarden a leitura se configura como o elo responsável pela união do leitor e obra, e nesse caminho vale ressaltar todo o arcabouço sócio cultural que carrega o indivíduo. Para este autor, “estas concretizações precisamente aquilo que se constitui durante uma leitura e o que, por assim dizer, reproduz um modo de aparecimento da obra na concretização em que nós a apreendemos” (INGARDEN, 1997, p. 364). Pode-se dizer assim, que a obra, ou a concretização da obra, perpassa pelas interpretações individuais de cada leitor, segundo descreve este mesmo autor.

A obra literária com que temos de lidar, quer ao ler, ao ouvir, quer ainda durante uma representação teatral é – de acordo com nossas análises anteriores – um objecto de construção muito complexa em função do qual nos orientamos numa multiplicidade de actos de consciência conexos entre si e de outras vivências que já não têm a estrutura especial do acto. (INGARDEN, 1997, p. 364)

Seguindo este preceito pode-se inferir que o leitor necessita armar uma teia de conexões de informações, construídas através de sua vivência, para conseguir decodificar o que se expôs na obra, pois se não houver falha nessas conexões o pensamento do autor pode ser corrompido. Na concepção proposta por Ingarden vale ressaltar que também o leitor necessita interagir com o autor e não somente com a obra, uma vez que autor e obra se mesclam. Como não pensar na relação de Kafka e seu pai ao lermos metamorfose, conhecer a história do autor nos faz ter uma visão mais acurada ao lermos seus textos.

Seguindo por este viés, Vodicka coloca, em suas análises, a necessidade de considerar as diversas influências que constroem a literatura. Segundo ele não há forma cerrada de interpretação da literatura, já que entre os críticos literários não se concebeu um pensamento fechado sobre o tema.

As diferenças e inconsistências na avaliação foram interpretadas como erro e deficiências do gosto literário, deixando supor que existe apenas uma única norma estética “correta”. Entretanto, os historiadores literários, os especialistas em Estética e os críticos nunca puderam chegar a um acordo sobre esta única norma “correta”. (VODICKA, 1978, p.306)

Vodicka ressalta a importância de considerar os diversos fatores que circundam a obra, dentre elas o leitor e suas particularidades. Partindo das ideias de Ingarden sobre concretização, Vodicka acrescenta que por mais esteticamente enraizada que seja a obra literária, sua transposição temporal dependerá da solidez de sua construção, sendo este autor.

A repercussão de uma obra literária é uma consequência de sua concretização, e a modificação da norma exige uma nova concretização. Metodologicamente deve-se insistir no fato de que as fontes básicas são sempre as concretizações críticas, pois estas examinam a obra do ponto de vista de um sistema global de valores e contribuem para a sua integração na Literatura. (VODICKA, 1978, p. 307)

Sendo assim para o autor supracitado os valores globais precisam ser considerados, já que no que diz respeito à concretização da obra as diversas considerações que giram em torno da



mesma precisam ser relevantes para um estudo mais sólido. Vodicka ainda ressalta que uma obra ao sair de seu lugar de origem precisa ser interpretada de forma mais particular, já que a “tradução é uma concretização realizada pelo tradutor” (VODICKA, 1978, p. 308), e, portanto, carregam de certa forma, as influências internalizadas pelo mesmo. Os fatos com todo seu teor pragmático concebido pela história se recusam a aceitar a ficcionalidade da literatura, no entanto, as obras literárias se intercalam entre a ficcionalidade e realidade, posto que a obra precisa de parâmetros sociais para ser construídas. Vale ressaltar que as obras literárias nascem em um meio social e é notório o diálogo estabelecido entre ambas, sociedade e obra, o que pode levar a uma interpretação que corrobore com os padrões ditados neste meio. Terry Eagleton sustenta o pensamento de que a obra pertence à sociedade e por isso a interpretamos segundo nossos valores sociais. Segundo este autor.

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muitas das preocupações inerentes à da própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando exatamente a “mesma” obra, embora assim o pareça. (EAGLETON 2006, p. 18)

No valor apresentado pela obra vale discutir em que momento a obra interfere na sociedade – em padrões comportamentais mais precisamente – ou como a sociedade interfere na obra, vale ressaltar que a obra, em seu caráter informativo, reverbera entre diversas camadas sociais fazendo com que sua interpretação interfira de forma distinta em um mesmo espaço geográfico, posto que, as classes sociais diversas aceitam ou rejeitam ideias que se contrapõem a seus conceitos de comportamentos sociais.

Ao analisar a obra do escritor francês Gustave Flaubert, **Madame Bovary**, Jauss nos apresenta um estudo bem particular já que a obra escrita no século XIX com características de romance realista se contrapunha aos valores da época ao relatar sobre uma mulher que cometia adultério. Esta obra, que levou seu escritor a ser julgado pela Sexta Corte Correccional de Sena, feria a boa moral da sociedade francesa com um tema tão chocante. Sobre o tema o Jauss afirma que.

A nova obra literária é recebida e julgada em seu contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana de vida. Na esfera ética, sua função social deve ser aprendida, do ponto de vista estético-recepcional, também segundo as modalidades sob cujo signo a obra adentra o horizonte de seu efeito histórico. (JAUSS 1994, p.53)

O valor histórico da obra de Flaubert e todo assombro que ela causou na sociedade pode ser estudado da mesma forma que suas raízes estéticas, pois ambas coadunam para que a produção do autor ultrapasse diversas gerações e cruzasse inúmeras fronteiras. A posição da sociedade frente ao comportamento de uma personagem ficcional de Flaubert, mostra-nos que o

valor histórico e o literário devem ser compreendidos pela ciência, ou seja, se neste caso o único valor a ser visualizado fosse o estético não teríamos uma sociedade tão incomodada com o comportamento de Emma Bovary, com isso é certo afirmar que “uma obra literária, pode, pois, mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo estado ficou lhes devendo”(JAUSS 1994, p.56).

Quando se coloca em circulação obras que expõem as mazelas sociais, que conseguem contrapor dados que destoam do socialmente correto, essas passam a ser alvo de críticas ou retiradas de circulação, já que causam mudanças de percepções no leitor e os levam a ter um olhar crítico, posto que as diversas interpretações se apresentam mais nitidamente.

A partir das afirmações supracitadas pode-se entender que a obra escrita por Miguel Robles apresenta os testemunhos que colocam em dúvida as ações realizadas pela polícia no caso da morte de seu pai, ainda que não haja uma proposta ficcional como a encontrada nas obras de Flaubert, García Marquez e Vargas Llosa, o que se apresenta como relato na obra leva o leitor a produzir um julgamento que coloca em dúvida a veracidade dos relatos.

A obras literárias podem apresentar-se como documento capaz de oferecer uma inquietação ao leitor, quiçá não tenha força comprobatória dos fatos, mas pode sim ser capaz de causar uma inquietação que leve a uma mudança. Os relatos testemunhais por sua vez levaram os juristas argentinos a reinterpretar diversos casos já arquivados, e substanciaram reivindicações abafadas pelo poder político.

Conclui-se que história, memória e literatura coadunam-se quando há uma proposta interpretativa dos fatos que descrevem ou provam os diversos fatos que compõem o cabedal histórico das sociedades, sendo estes capazes de reconstruir ou confirmar o que conhecemos como relatos oficiais. Até pouco tempo a disciplina história não concebia a possibilidade de se levar em consideração os fatos apresentados em uma ficcional, hoje é sabido que, ainda que haja esse viés ficcional as obras e autores pertenceram a um contexto histórico e geográfico, e isso não pode ser desprezado, já que uma obra não pode ser construída sem parâmetros comparativos.

Nas obras produzidas na Argentina em específico, foram apresentadas como forma de externalizar os abusos sofridos pela ditadura, haja vista que os envolvidos eram perseguidos e impedidos de relatar o que realmente acontecera. Após os diversos relatos produzidos, alguns de forma clandestina, a sociedade se conscientizou que deveriam unir-se para pedir que os envolvidos fossem julgados por crimes de lesa humanidade, tais atos levaram diversos torturadores a serem condenados em uma “Megacausa” que teve seu desfecho no dia 25 de agosto de 2016, quando foram julgados os atos de atrocidades cometidos aos presos dos centros

de detenção “La perla” e “D2”. É certo que os valores dados aos textos literários produzidos a partir das memórias puderam ser confrontados com os relatos oficiais fazendo com que a história tomasse novos rumos, literatura e memória podem sim deformar os conceitos cristalizados dados pela disciplina história. O leitor atento consegue discernir entre o valor legal da história e os rastros deixados pela literatura.

## REFERÊNCIAS

CHIAPINNI, Ligia. AGUIAR, Flávio Wolf. **Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional**. 2ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

DIDI – HUBERMANN, G. **O que vemos o que nos olha** – Tradução Paulo Neves. São Paulo.1998

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Trad. João Azenha Jr. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

GINZBURG, Jaime. **Autoritarismo e Literatura: a História como Trauma**. *Vidya*, jan/jul 2000.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Trad. Albin E. Beau e outros. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979. 439 p. Cf. Cap. 13, p. 363-389

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

LE GOFF, Jaques- **História e Memória**; Tradução Bernardo Leitão – Campinas, SP, Ed. Da UNICAMP, 1990.

MOREIRA, Maria Eunice. **História da literatura: algumas considerações teóricas**. *Vidya*, Santa Maria, v. 21, n. 37, p. 121-129, jan.-jun. 2002.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A ditadura militar argentina (1976-1983): do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo: Edusp, 2007.

ROBLES, Miguel. **La Búsqueda** - 1ª Ed. - Buenos Aires, Sudamericana, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença: ensaio sobre memória, arte, Literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 24, 2005.

\_\_\_\_\_. **História, Memória e Literatura: Os testemunhos na era das catástrofes**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

VODIČKA, Felix. **A história da repercussão das obras literárias**. In: TOLEDO, Dionísio (org.). *Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Trad. Zênia de Faria *et al.* Porto Alegre: Globo, 1978.